



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS / ITABAIANA /SE

A representação da personagem do tabaréu, no romance Os tabaréus do Sítio Saracura, de Antônio Francisco de Jesus (*O Saracura*)

JUSSANE MARIA TELES SANTOS MENDONÇA

JUSSANE MARIA TELES SANTOS MENDONÇA

A representação da personagem do tabaréu, no romance Os tabaréus do Sítio Saracura, de Antônio Francisco de Jesus (*O Saracura*)

Monografia apresentada ao Curso de Letras Português da Universidade Federal de Sergipe Campus “Prof Alberto Carvalho” para obter o título de graduada em Letras

ORIENTADORA: Profa. Dra. Vilma Mota Quintela.

ITABAIANA - SE

2021

JUSSANE MARIA TELES SANTOS MENDONÇA

A representação da personagem do tabaréu, no romance *Os tabaréus do Sítio Saracura*, de Antônio Francisco de Jesus (*O Saracura*)

Aprovado em _____ de _____ 2021

ORIENTADORA:

Prof. Dr^a Vilma Mota Quintela

DEDICATÓRIA

Dedico, a todos os ditos tabaréus, assim como eu que migrou do sertão e veio morar em Itabaiana –Se, em busca de estudar. Em especial ao escritor Saracura pela humildade e sinceridade em que narrou a vivência de sua família nos sítios do agreste itabaianense.

Através desse romance eu pude fazer uma viagem de como os nordestinos representam um povo de garra e luta em busca de uma vida melhor, seja como trabalhador rural, feirante, comerciante e dentre outros.

AGRADECIMENTOS

Ao grande criador, que me conduziu concluir o curso de Letras depois de seis anos que fui diagnosticada com o câncer de mama, e coincidentemente, ao terminar o tratamento de radioterapia adentrei em 2014, no curso de Letras.

À minha família, esposo, filho, pais e irmã.

A Neuza, que ficava algumas noites com meu filho para eu poder estudar.

Ao professor e esposo, Joao Mendonça, pela correção gramatical.

Ao meu irmão do coração, Arlei Lima.

À querida Mestra em Educação, Yasmin Lima, pelas correções da ABNT.

A todos os colegas que conheci e com quem estudei no curso de Letras, em especial aos amigos Tony Marcus, Elvis, Renisson, Tâmara, Saulo, Gilberlan e Márcia. Também a todos os professores com quem tive a oportunidade de estudar na UFS e, em especial, à competente professora Vilma, minha orientadora deste trabalho, uma pessoa muito humana, gentil e que me auxiliou bastante na conclusão do TCC.

Aos parentes de Francisco Saracura, Lurdinha, Tonho de Dezi e Bernadete, pela disponibilidade em permitir serem entrevistados.

Ao escritor e historiador José Almeida Bispo, pela contribuição com uma entrevista e material em mapa de seu arquivo pessoal.

RESUMO

Este trabalho tem como objeto a representação da personagem do “tabaréu”, isto é, a sua constituição como matéria ficcional, no romance de memórias *Os Tabaréus do Sítio Saracura*, do escritor sergipano FJ Saracura. A análise qualitativa do *corpus* teve, como base, uma pesquisa bibliográfica prévia, tendo ainda, como suporte, entrevistas orais e escritas, bem como uma reflexão sobre a temática regional, presente na literatura e na crítica brasileira, sobretudo, a partir do Romantismo. Essa reflexão contribuiu para mostrar como os temas regionais têm sido desenvolvidos e/ou abordados ao longo da nossa história literária, permitindo traçar paralelos com o romance em estudo. Como referenciais teóricos, tiveram grande relevância a este trabalho os estudos de CANDIDO (2006 e 2010); RIBEIRO (1995); CASCUDO (2000); e BRAIT (1985).

Palavras-chave: Personagem de ficção; Representação do tabaréu; Romance memorialístico.

ABSTRACT

This work analyzes the construction and representation of the character of the “tabaréu”, that is, its constitution as fictional material, in the memorialistic novel *Os Tabaréus do Sítio Saracura*, by Sergipe writer Antônio F J Saracura. The qualitative analysis of the *corpus* was based on a previous bibliographic research, having as support, oral and written interviews, as well as a reflection on the regional theme, present in Brazilian literature and criticism, especially from Romanticism. This reflection contributed to show how regional themes have been developed and / or addressed throughout our literary history, allowing to draw parallels with the novel under study. As theoretical references, the studies of CANDIDO (2007 and 2010); RIBEIRO (1995); CASCUDO (2000); and BRAIT (1985) had great relevance to this work.

Keywords: Fictional character; Representation of the tabaréu; Memorialistic novel.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	9
2.1. A Personagem de ficção, segundo Antônio Cândido e Beth Brait	12
2.2 O Tabaréu na Antropologia, na Sociologia e nos Estudos Folclóricos.....	13
2.3. O Tabaréu na Literatura Brasileira.....	14
3. A REPRESENTAÇÃO DO TABARÉU NO ROMANCE <i>OS TABARÉUS DO SÍTIO SARACURA</i>	18
3.1 O Autor e sua Obra	18
3.2 Apresentação geral do romance <i>Os tabaréus do Sítio Saracura</i>	19
3.3 Representação do tabaréu no Romance <i>Os Tabaréus do Sítio Saracura</i>	25
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29
6. ANEXOS	31
7. APÊNDICES	45

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto de estudo a representação da personagem do tabaréu em *Os Tabaréus do Sítio Saracura*, de Antônio Francisco de Jesus, nascido no agreste sergipano, na cidade de Itabaiana e conhecido como Saracura. Trata-se de um romance memorialista, cujo narrador, do tipo narrador-testemunha, conta a história de seus familiares de forma autobiográfica.

Popular na cultura brasileira, a personagem do tabaréu remonta à tradição oral. Câmara Cascudo (2000), renomado pesquisador das tradições folclóricas brasileiras, define a figura do tabaréu como:

Um matuto, roceiro, habitante do campo. O nome “tabaréu”, dado ao camponês, rústico, desconfiado, ingênuo, inacessível, ofício; mal-amanhado, vem igual vocabulário português, apesar de Couto Magalhães dizer que é de origem indígena, significando: soldado de ordenança, mal exercitado, que não largava o capote, quando entrava em serviço, e figuradamente, que não sabe falar e exercer o seu ofício. (CASCUDO, 2000, p. 655.)

Pode-se compreender, assim, que o termo tabaréu teve sua origem na cultura popular, sendo bastante recorrente na literatura oral, a exemplo de contos, parlendas e orações tradicionais. Em seu dicionário do folclore, Câmara Cascudo (2000) também apresenta uma definição do caipira, termo equivalente a tabaréu, como um trabalhador rural, morador do sertão, às margens do rio, ou do mar, denominado caboclo, sertanejo, roceiro, jeca ou matuto, dependendo da região.

Ainda no que se refere à cultura popular, o tabaréu também pode se apresentar de maneira ambígua, figurando ora como esperto, ladino, ora como atoleimado, a exemplo das personagens folclóricas de *Pedro Malasarte*, *João Grilo*, *João Bobo* e o próprio *Jeca Tatu*, de Monteiro Lobato, que descreveu o tabaréu em sua versão sudestina, revelando o preconceito e o alheamento em relação ao trabalhador rural da parte do homem culto cidadão.

Já o crítico Antônio Candido, em ensaio sobre o caipira do sudeste brasileiro, define-o como um morador do campo, caracterizado pelo seu modo de vestir e de falar, o qual surgiu da miscigenação do branco com o índio e depois também da miscigenação com o negro.

De maneira semelhante, o escritor e antropólogo Darcy Ribeiro, em seu livro *O Povo brasileiro*, também descreveu o homem rural no âmbito da *cultura caipira*

brasileira, envolvido em atividades rurais tradicionais, tais como a queimada para o cultivo da agricultura, cultura a que se denomina “de subsistência”.

Feito esse preâmbulo, com base nesse breve comentário sobre algumas das principais publicações teóricas que compuseram o referencial deste trabalho, importa ressaltar que essas definições conduzirão para um melhor entendimento do que se busca aqui elucidar. Reitera-se, assim, o propósito desse estudo, qual seja, uma reflexão em torno da personagem do tabaréu, tipo social de grande relevância à constituição da cultura desenvolvida nas mais diversas regiões rurais nordestinas, a exemplo do que se observa no agreste sergipano.

Nessa região, abundam sítios pertencentes a famílias numerosas, onde se desenvolve uma cultura de subsistência, representada de maneira singular na obra de FJ Saracura em foco neste trabalho. Para a caracterização das personagens do romance em questão, foi de fundamental importância a descrição do espaço rural onde se situa a narrativa, tendo-se em vista a caracterização das personagens dentro da vivência rural nos sítios do povoado Flechas e da Terra Vermelha, ambos no município de Itabaiana. Tendo isso em vista, importa ressaltar que, para o desenvolvimento deste trabalho, também foi fundamental aprofundar conhecimentos sobre a teoria regionalista, com base na qual se tornou possível situar o romance de Saracura no âmbito da tradição literária brasileira. Para o entendimento do regionalismo como uma vertente expressiva dessa tradição, serviu, como referência, dentre outras, a *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi (2015).

Este trabalho se justifica, dentre outras coisas, por valorizar a literatura regional, colocando em foco, especialmente, a literatura produzida no agreste sergipano, onde se situa o campus universitário “Alberto Carvalho” e o curso de Letras ao qual se vincula o presente Trabalho de Conclusão de Curso. Espera-se, com este estudo, incentivar o estudante de Letras a conhecer a fundo essa produção, de modo a tornar bem mais frequente, na academia, o estudo de escritores da nossa região, incluindo aqueles hoje em plena atividade, como é o caso de Antônio F J Saracura, escritor de reconhecido valor literário, já com diversas obras de ficção publicadas e disponíveis no mercado editorial.

Esse trabalho foi desenvolvido, basicamente, em duas partes: a primeira consiste em uma reflexão sobre a figura do tabaréu na antropologia, na sociologia, nos estudos folclóricos e na prosa de ficção. Antes, porém, abrir-se-á um parêntese para breves considerações sobre a categoria teórica da personagem, tomando-se, como referencial teórico, estudos de Beth Brait (1985) e Antônio Candido (2006). A segunda parte consiste em um estudo sobre a representação do tabaréu em *Os Tabaréus do Sítio Saracura*, o qual se subdivide, em linhas gerais, em três assuntos, quais sejam: considerações sobre o autor e sua obra; apresentação geral do livro; e, por fim, a representação do tabaréu no romance em questão.

A análise qualitativa do *corpus* teve, como base, uma pesquisa bibliográfica prévia, tendo ainda, como suporte, entrevistas orais e escritas, bem como uma reflexão sobre a temática regional, presente na literatura e na crítica brasileira, sobretudo, a partir do Romantismo. Essa reflexão contribuiu para mostrar como os temas regionais têm sido desenvolvidos e/ou abordados ao longo da nossa história literária, permitindo traçar paralelos com o romance em estudo. Como referenciais teóricos, tiveram grande relevância a este trabalho, dentre outros, os estudos de CANDIDO (2007 e 2010); BOSI (2015); RIBEIRO (1995); CASCUDO (2000); e BRAIT (1985).

2. Um estudo da personagem do tabaréu, uma figura antológica da literatura regionalista brasileira

2.1 A Personagem de ficção, segundo Antônio Cândido e Beth Brait

Para entender uma obra literária é de fundamental importância compreender a forma como é construído o enredo, e isto se dá com a criação das personagens que dão vida à narrativa. Em artigo sobre a personagem no romance, Antônio Candido explica a existência de três elementos centrais no desenvolvimento da narrativa literária, que são o enredo, as personagens e as ideias, os quais atuam de forma interligada: “a personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos” (CANDIDO, 2007, p. 54).

Partindo da definição da personagem, Candido a define como um ser fictício, e é dentro desse contexto que o romance se baseia na relação entre o ser vivo e o ser fictício para se chegar à verossimilhança. O crítico verifica que “a marcha do romance moderno (do século XVIII ao começo do século XX) foi no rumo de uma complicação crescente da psicologia das personagens” (p. 60). Como observa o autor, desenvolvem-se duas tendências básicas, no que se refere à constituição das personagens no romance: a das personagens que se definem como seres íntegros e facilmente delimitáveis, isto é, as “personagens de costumes” (p. 61); e a das personagens complexas, que identificam seres complicados, isto é, de significativa profundidade psíquica, identificadas como “personagens de natureza” (p. 61).

De acordo com a teoria que serve de referência ao crítico, as chamadas “personagens de costumes” apresentam traços distintos e bem marcados, sendo, portanto, mais bem compreendidas pelo público médio: “Como se vê, é o processo fundamental da caricatura, e de fato ele teve o seu apogeu, e tem ainda a sua eficácia máxima, na caracterização de personagens cômicos, pitorescos, invariavelmente sentimentais ou acentuadamente trágicos” (p. 62). Já as “personagens de natureza” são apresentadas, “além dos traços superficiais, pelo seu modo íntimo de ser, e isto impede que tenham a regularidade dos outros” (p. 62). Como informa A. Candido, as personagens de natureza não são imediatamente identificáveis, precisando, o autor, “a cada mudança do seu modo de ser, lançar mão de uma caracterização diferente, geralmente analítica, não pitoresca” (p. 62). Já Forster, citado pelo crítico, identifica essas mesmas modalidades de personagens como “personagens planas” ou “tipos” e “personagens esféricas”, sendo, as primeiras,

“construídas em torno de uma única ideia ou qualidade” (CANDIDO, p. 62), e, as de segundo tipo, as esféricas, dotadas de uma maior complexidade e individualidade.

Já Beth Brait (1985), traz algumas definições da categoria da personagem e destaca um problema apontado por Tzevtan Todorov, o de confundir personagens e pessoas. Decerto, trata-se de um ser linguístico, mas que representa uma pessoa, e não existe fora das palavras. Portanto, a personagem representa uma modalidade de ficção, a qual é representada no texto. Dessa maneira, o escritor cria uma realidade ficcional, para sensibilizar o receptor, manipulando e inventando seres que se aproximam dos humanos, para assim conduzir a narrativa.

2.2 O Tabaréu na Antropologia, na Sociologia e nos Estudos Folclóricos

Escritores brasileiros como Antônio Candido, Darcy Ribeiro e Câmara Cascudo retrataram o caipira (tabaréu) histórico em seus estudos. CANDIDO (2010) em *Os parceiros do Rio Bonito*, caracterizou o caipira a partir de fatores sociais, destacando a sua falta de recursos econômicos. Para Darcy Ribeiro, o caipira é um trabalhador rural que, dentro do sistema produtivo, foi, aos poucos, transformando-se num meeiro ou parceiro. Já Câmara Cascudo definiu o caipira estabelecendo relações entre o trabalhador rural e a cultura em que ele se insere.

Do ponto de vista antropológico, Darcy Ribeiro (1995, p. 388) descreve como se formou a cultura caipira dentro do sistema produtivo e a transformação do homem rural em meeiro ou parceiro dos latifundiários, a partir da decadência da mineração e do crescimento da cultura do café no sudeste brasileiro. Ele também descreve como, ao longo do tempo, o pastoreio se tornou a base econômica do sertão e, aos poucos, transformou-se num latifúndio. Darcy ainda caracterizou a população sertaneja de acordo com suas atividades culturais características como o pastoreio, a organização familiar, o modo de vida, as atividades folclóricas, como os folguedos, a culinária e, também, a religião.

De acordo com Darcy, a cultura caipira surge com a crise da mineração, que fez surgir núcleos caipiras dispersos no Centro-Sul. A mão-de-obra pobre e dispersa pelo espaço foi aos poucos ocupando a região conhecida como a “Paulistânia”. Os trabalhadores começaram a praticar a agricultura itinerante derrubando e queimando as árvores. O sistema agroexportador brasileiro levou aos poucos à expulsão do caipira da propriedade, transformando-o num parceiro ou meeiro.

Já Câmara Cascudo, grande estudioso do folclore brasileiro, traz a definição de caipira, no *Dicionário do Folclore Brasileiro*, como:

Homem ou mulher de pouca instrução que não mora em centros urbanos. Trabalhador rural, de beira-rio ou beira-mar, ou do sertão. É chamado também de *caboclo, jeca, matuto, roceiro, tabaréu, caiçara, sertanejo*, dependendo da região onde habita CASCUDO (2000, p. 97).

Antônio Cândido comenta sobre a presença do caipira no sudeste paulista e no Mato Grosso, definindo-se, a si mesmo, como um desses caipiras. O crítico define esse tipo como: “Um morador do campo que vive numa sociedade relativamente homogênea com valores tradicionais muito marcados, frutos da evolução histórica social radicada em São Paulo” (FERRAZ, 2001).

Semelhante ao que se observa no estudo de Darcy Ribeiro, Candido caracteriza o caipira de acordo com os fatores sociais, definindo-o como um sitiante. Além disso, o autor o caracteriza quanto aos costumes, de forma a colocar o lazer como parte integrante da sua cultura, além do modo de falar e suas superstições, como, por exemplo, o fato do caipira não trabalhar nos dias dedicados à religião (sábados e domingos), tidos como desastrosos.

Como se percebe, a definição de Câmara Cascudo do caipira aproxima-se da definição de Darcy Ribeiro e, também, da apresentada por Antônio Candido, visto que, todos eles, o relacionam ao trabalhador rural, localizando-o como um tipo popular em diferentes regiões do Brasil, sendo conhecido com as mais diversas denominações. Isso justifica a sua presença em distintas tradições orais e folclóricas brasileiras, bem como o seu reconhecimento como elemento humano constitutivo da nossa identidade nacional.

Com base nessas definições, desenvolvidas por Câmara Cascudo, A. Candido e D. Ribeiro, que buscam, dentre outras coisas, situar a figura do caipira na cultura brasileira, passaremos ao estudo da personagem do *tabaréu* no romance *Os Tabaréus do Sítio Saracura*, de FJ Saracura. Antes, porém, serão feitas breves considerações sobre diversas versões do *tabaréu/caipira* em um conjunto de obras literárias surgidas ao longo do desenvolvimento da nossa história literária.

2.3. O Tabaréu na Literatura Brasileira

Desde o Romantismo, no Brasil, foi possível compreender as temáticas ligadas a determinada região, e os escritores passaram a retratar temas regionais para a criação de

personagens ficcionais. Esse momento tem como marcos, dentre outros, os romances *O Sertanejo*, de José de Alencar, e *Inocência*, de Visconde Taunay, ambos românticos. A partir daí, a tradição regionalista se desenvolveu em direções diversas, surgindo, no início do século XX, obras como *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, *Urupês*, de Monteiro Lobato, e os *Contos gauchescos*, de Simões Lopes Neto. Todos eles retrataram a personagem do homem rural, que tira o sustento da terra, como símbolo da identidade nacional do país, enfocando, em suas obras, respectivamente, o sertanejo, o caipira e o gaúcho, como figuras similares ao tabaréu nordestino.

Foi no Romantismo que a temática regionalista foi introduzida na literatura brasileira, enfatizando a zona rural como espaço narrativo. No entanto, foi a partir do Pré-Modernismo que houve a preocupação em mostrar os vários “brasis” ao Brasil oficial, incluindo aqui o sertanejo e o caipira (como se observa nos escritos de Euclides da Cunha e Monteiro Lobato, respectivamente). Assim, começa a surgir no país a preocupação de aproximar o leitor a uma realidade narrativa ligada aos temas recorrentes da época, objetivando-se retratar o tabaréu sertanejo com suas características socioculturais e históricas. Na sequência, já na segunda fase do Modernismo, seria aprofundada a vocação da literatura regionalista à denúncia dos problemas sociais existentes nas regiões então esquecidas pelo poder público, a exemplo da ascensão do romance do nordeste ou romance de 30.

Voltando ao regionalismo pré-modernista, vimos que, nele, privilegiou-se, sobretudo, a representação do homem rural como uma personagem típica, isto é, “plana”. Quanto a isso, vale aqui destacar a representação do homem rural em obras como *Os Contos Gauchescos*, de Simões Lopes Neto, patriarca das letras gaúchas, em cuja obra, publicada em 1912, a figura do gaúcho torna-se um símbolo da diversidade característica da identidade nacional (BOSI, 2015). Nos *Contos Gauchescos*, Simões Lopes Neto, por meio de um narrador que fala na primeira pessoa, retrata o homem do campo através das vestimentas, como se observa, por exemplo, no conto “Correr eguada”: “E a gauchada quase toda de em pêlo. Uns de bombacha, outros de chiripá; muitos sem chapéu, muitos de lenço na cabeça; tudo em mangas de camisa e faca atravessada (LOPES, 1976, p. 29).

Da mesma forma, temos a configuração do homem rural como personagem típica no artigo intitulado “Urupês”, publicado em uma coletânea de contos homônima, do paulista Monteiro Lobato, publicada, originalmente, em 1918. Surge, nesse artigo, a antológica figura do caipira Jeca Tatu, que se tornou famoso como símbolo da pobreza e do atraso cultural do homem rural brasileiro. Mais tarde, Lobato passaria a atribuir tal atraso à

inexistência de cuidados higienistas, situação muito comum nas zonas rurais brasileira de norte a sul do país naquela época. Segue um trecho de “Urupês”:

Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade!
Jeca mercador, Jeca lavrador, Jeca filósofo...
Quando comparece às feiras, todo mundo logo adivinha o que ele traz:
sempre coisas que a natureza derrama pelo mato e ao homem só custa o gesto de espichar a mão e colher — cocos de tucum ou jičara, guabirobas, bacuparis, maracujás, jataís, pinhões, orquídeas; ou artefatos de taquara-poca — peneiras, cestinhas, samburás, tipitis, pios de caçador; ou utensílios de madeira mole — gamelas, pilõezinhos, colheres de pau. (LOBATO, 2012, p. 170)

Com o passar do tempo, os escritores regionalistas buscariam romper com o preconceito e superar os estereótipos, aprofundando a reflexão sobre a problemática social envolvendo o drama sociocultural do homem rural brasileiro. Tal reflexão já se configura, contudo, na obra de um outro escritor do período pré-modernista, o fluminense Euclides da Cunha, autor de *Os Sertões*, publicado em 1902. O autor divide a sua narrativa em três partes, quais sejam: A terra, O homem e A luta (BOSI, 2015). De acordo com Bosi, *Os Sertões* são obra de um escritor comprometido com a natureza, com o homem e com a sociedade. Contudo, dado o seu desconhecimento do sertanejo histórico, ainda de acordo com o crítico, o autor acabou por configurar o sertanejo como uma personagem típica, a exemplo de Lopes Neto e Lobato.

Para tanto, Euclides da Cunha tomou como referência a figura do gaúcho, o caipira do sul, e descreveu o sertanejo nordestino a partir de suas vestimentas e atividades tradicionais, a exemplo das bombachas e dos rodeios, tomando como fonte de inspiração os pampas gaúchos. Assim, de acordo com Bosi, Euclides da Cunha define o vaqueiro com sua roupa de couro para suportar entrar na caatinga, vegetação seca de clima árido, que condiz com a definição de que “o sertanejo é antes de tudo um forte”. Ainda de acordo com o crítico Alfredo Bosi, essa caracterização do estilo Euclidiano condiz com período da ciência positivista, na qual, com base no meio ou no ambiente natural, procura-se caracterizar e definir o homem, explicando, dessa forma, as dificuldades por que passa o sertanejo (o vaqueiro), que também era o jagunço, homem forte, duro, resistente e que matava.

Diferente de Cunha, no romance *Inocência*, Visconde de Taunay buscou retratar o sertanejo com base na visão nacionalista própria do período romântico, romantizando a figura do homem rural e descrevendo o sertão num tom naturalista. Diferentemente do Visconde de Taunay, que, embora situado no Romantismo, traz uma visão, de certo ponto de vista, mais realista, José de Alencar apresenta uma definição tipicamente romantizada do sertanejo. Contudo, de acordo com Bosi (BOSI, 2015), ambos os romancistas se

destacam pela criação de personagens-símbolos, a exemplo de Inocência, do romance homônimo, e de Arnaldo, de *O Sertanejo*, destacando-se, nas duas obras, a intenção de destacar o caso de amor, descrevendo-se, com detalhes, a paisagem do sertão. A propósito, em *Inocência*, Taunay descreve nestes termos o homem rural brasileiro:

O legítimo sertanejo, explorador dos desertos, não tem, em geral, família. Enquanto moço, seu fim único é devassar terras, pisar campos onde ninguém antes pusera pé, vadear rios desconhecidos, despontar cabeceiras e furar matas, que descobridor algum até então haja varado. (TAUNAY, 2002, p.19)

Já em *Alencar*, o sertanejo é descrito em comparação à paisagem do sertão:

Esta imensa campina, que se dilata por horizontes infindos, é o sertão de minha terra natal.
Ai campeia o destemido vaqueiro cearense, que à unha de cavalo acossa o touro indômito no cerrado mais espesso, e o derriba pela cauda com admirável destreza.”
(ALENCAR, 1987, p.11)

Inserido nesse ambiente, a personagem do sertanejo Arnaldo é caracterizada, no romance de *Alencar*, nos seguintes termos:

Trazia o sertanejo, suspensa à cinta, uma catana larga e curta com bainha do mesmo couro da roupa, e na garupa a maleta de pelego de carneiro, com uma clavina atravessada e um maço de relho. (ALENCAR, 1987, p.16)

Feita essa breve reflexão, observamos que, de maneira geral, na literatura regionalista anterior ao Modernismo, o homem rural se apresenta como personagem típica. Em obras diversas, de Norte a Sul do Brasil, falar do homem rural é falar do caipira, sinônimo de matuto, caboclo ou tabaréu, que, dessa forma, insere-se no imaginário literário, tanto quanto no repertório crítico e na cultura popular, como elemento da cultura nacional.

Considerando esse aspecto, busca-se, na sequência, comentar o modo como se configura a personagem do tabaréu no romance de *Saracura*, buscando-se, de maneira breve, quando se fizer pertinente, estabelecer relações de correspondências entre diferentes obras brasileiras em que se desenvolve a temática regionalista. Nesse caso, levar-se-á em conta, sobretudo, a representação do homem rural, isto é, como ele se configura na visão de seus autores.

3. A REPRESENTAÇÃO DO TABARÉU NO ROMANCE *OS TABARÉUS DO SÍTIO SARACURA*

3.1. O Autor e sua Obra

A obra em estudo é do escritor itabaianense Antônio Francisco de Jesus, popularmente, conhecido como Saracura, que assina as obras como Antônio FJ Saracura. Filho de agricultores locais, nasceu no dia 06 de julho de 1945, no povoado Terra Vermelha, município de Itabaiana, em Sergipe. Trabalhou como agricultor até 1958, tendo iniciado seus estudos formais no povoado natal, continuando-os no Seminário Arquidiocesano de Aracaju e no Colégio Atheneu Sergipense.

Posteriormente, graduou-se em Economia pela Universidade Federal de Sergipe - UFS; cursou Análise da Informação na Universidade Federal do Distrito Federal e Gestão Imobiliária na UNIT - Universidade Tiradentes, em Aracaju. Além disso, realizou cursos técnicos em instituições de ensino técnico/profissional diversas.

Foi jornalista, programador de computadores, analista de sistemas e gerente de informática. Atualmente, dedica-se apenas à escrita, sendo membro da Academia Itabaianense de Letras, da Academia Sergipana de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e da Associação Sergipana de Imprensa. Ainda no que se refere à sua atuação na promoção da literatura sergipana, vale destacar a sua participação como um dos responsáveis pela Bienal do Livro de Itabaiana, evento que vem sendo muito importante à divulgação de escritores da região. *Saracura* tem ainda participado de diversas mostras literárias em seu Estado, nas quais, em entrevista incluída nos anexos deste trabalho, o escritor afirma ter vendido um número significativo de livros: “Há quase cinco mil exemplares circulando, sem contar cópias, excertos... Eu queria muito mais”.

Sua produção literária inclui coletâneas de contos, a exemplo de *Tambores da Terra Vermelha* e *Os Ferreiros*, e os romances: *Os tabaréus do Sítio Saracura*, *Meninos que não queriam ser padres* e *Minha Aracaju aflita*. Também escreveu

uma narrativa em versos à maneira da literatura de cordel, intitulada *Os Curadores de Cobra e de Gente*. Seu livro mais recente é uma coletânea de contos intitulada *Pássaros do Entardecer*, lançada em 2019, na V Bienal do Livro de Itabaiana, em Sergipe.

Pode-se dizer que o autor possui um viés direcionado à literatura regionalista de tipo memorialista. Ele busca inspiração nos aspectos da cultura local de Itabaiana, mostrando, em sua narrativa a vida simples do campo, como vivem as pessoas, seus costumes e tradições.

Nas entrevistas feitas para a realização deste TCC, com o escritor, seus parentes e, ainda, com o seu colega da Academia Itabaiense de Letras, José Almeida Bispo (ver anexo), observa-se a importância dessa narrativa para todos eles como também para os seus conterrâneos de modo geral, dado o caráter autobiográfico de suas obras. Nelas, como veremos, destacam eventos e situações presentes na memória de muitos deles. Dentre esses, muitos de seus parentes afirmam sentir orgulho e honra por figurarem nos romances do escritor como personagens reais.

A propósito, o escritor e historiador José Almeida Bispo enaltece o viés memorialista do autor, destacando o valor do resgate dos casos populares, das vivências e manifestações culturais, a exemplo das danças folclóricas, da atividade das rezadeiras, dentre outros costumes relevantes da história cultural da cidade de Itabaiana. Um dado interessante no romance em estudo, por exemplo, é a referência à presença do povo cigano nos sítios. Em seu livro *Itabaiana, nosso lugar: quatro séculos depois*, José Almeida (BISPO, 2013, p. 88) também destaca esse fato, informando sobre a participação desse grupo étnico na formação do povo do agreste sergipano. Esse dado endossa o comprometimento de Antônio Saracura no que se refere ao registro literário dos fatos que constituíram a história de sua região natal.

3.2 Apresentação geral do romance *Os tabaréus do Sítio Saracura*

Os tabaréus do Sítio Saracura se divide em 41 capítulos (ver tabela 01). Os apêndices são compostos pelo glossário, por um cordel e duas resenhas, uma do escritor Vladimir Souza Carvalho e a outra da jornalista Olga Savary, além da

biografia do autor. Cada capítulo tem, na página inicial, uma imagem representativa das personagens ou imagens ilustrativas. O livro, lançado em 2019 e impresso pela Infographics Gráfica e Editora, está na 5ª edição.

A narrativa se desenvolve em primeira pessoa, colocando-se, o narrador, dentro da história, adotando a visão do narrador-testemunha quando da caracterização do personagem do *tabaréu*. A temática central da obra é o cotidiano das famílias dos Ferreiros e, principalmente, dos Saracuras. No romance, a personagem do *tabaréu* destaca-se pela verossimilhança com que são narrados os fatos que o envolvem, muitos desses verídicos. Na obra, os acontecimentos são narrados com base nas histórias que a mãe do narrador lhe contava. O próprio autor afirma ser este um romance de costumes.

Conforme os fatos narrados, a vida nos sítios era simples e sofrida, marcada pelo trabalho braçal, seja na malhada ou nas oficinas dos ferreiros. Na constituição da personagem do *tabaréu*, destaca-se o preconceito vivenciado pelo narrador Tonho (Saracura). Em suas memórias, ele recorda que, quando ia junto com sua mãe à cidade de Itabaiana, as crianças o apelidavam de “*tabaréu amarelão*”.

Não se pode negar a grande influência da cultura popular na descrição das cenas e personagens, destacando-se, no decorrer dos capítulos, a prática católica dos penitentes, o reisado e as histórias de cordel contadas pelo avô Totonho de Bernadino. As personagens femininas, sertanejas/agresteiras, são descritas como mulheres trabalhadoras, cheias de vitalidade, em sua lida nas lavouras desde a infância. Destaca-se ainda, a base familiar patriarcal, na qual é dado ao homem manter mais de uma relação conjugal; a alta taxa de mortalidade dos nascituros, em decorrência de infecções causadas pela precariedade com que se davam os partos, bem como a morte recorrente de crianças na primeira idade, em decorrência de verminoses não curadas. Esse aspecto da vida do *tabaréu* itabaianense nos remete à descrição do caipira paulista feita por Monteiro Lobato, autor da personagem do *Jeca Tatu*, na época, tomado como produto da falta de políticas higienistas.

No romance em estudo, a narração se inicia com a descrição das famílias dos Ferreiros e a dos Saracuras, que viviam na zona rural da cidade de Itabaiana. Os acontecimentos têm uma cronologia:

O Sítio Saracura estava em uma região de terras boas para a agricultura. A família naquela época, por volta do ano de 1952, ainda não estava completa, e eu tinha apenas quase oito anos. O mais velho dos meus irmãos era uma menina de nome Marinês, tinha onze anos de idade. (SARACURA, 2029. p.13).

A história é ambientada nos dois povoados de Itabaiana: o das Flechas, onde se localiza o Sítio dos Ferreiros, de propriedade dos avós maternos do narrador; e o povoado Terra Vermelha, onde se localiza o sítio Saracura, dos seus avós paternos (ver Figura 03, p. 33). Esses dois sítios, onde se situa a narrativa, são caracterizados como:

[...] Glebas com cerca de trinta tarefas, um pouco menos de dez hectares, divididas em três segmentos, cada um destinado a um tipo de atividade: a malhada da lavoura, o pasto de criação de gado e o quintal das fruteiras e das galinhas. (SARACURA, 2019, p.12).

Em suas memórias, o narrador, Tonho de Zé Pepedo, também chamado Saracura, faz menção a suas visitas ao Sítio dos Ferreiros quando criança. Esse evento, que, inicialmente, dava-se a cada quinze dias, posteriormente, em função da precariedade das estradas e da limitação dos meios de transporte, que se resumiam a burros ou a cavalos, passa a se dar mensalmente e, por fim, bimestralmente. Marcam a experiência do menino a vivência com os animais do sítio do avô materno: “Os cachorros do Sítio dos Ferreiros nos reconheciam de longe e nos recebiam com festas” (SARACURA, 2019, p. 22).

É próprio, na narrativa regionalista, a antropomorfização dos animais domésticos, que, dada a sua utilidade no dia a dia do campo, na experiência do matuto, é, em muitos casos, elevado à categoria de elemento familiar. Assim ocorre, por exemplo, no romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, em que a cachorra Baleia se constitui, poeticamente, como um ente equiparável ao ser humano. No trecho do romance de A. Saracura, acima transcrito, vimos como o narrador recorre à prosopopeia para dar a medida do relacionamento familiar que se dava entre o menino e os cachorros do Sítio dos Ferreiros, que o recebiam e aos seus com festas. Além disso, relata-se como os cachorros contribuíam ao sustento da família, trazendo sempre uma caça e protegendo as galinhas criadas nos sítios e seus ovos dos animais predadores.

Outros casos que marcaram a vida do menino Tonho são a morte de Bernadino, seu bisavô materno, atropelado pelo trem e cujo corpo é entregue à

família em um saco; os partos de Florita, sua mãe, e a morte prematura de alguns de seus filhos, assim como a descrição da empregada Jovita, por quem Tonho mantinha um amor platônico.

Assim, privilegiando acontecimentos que povoaram a sua infância nos sítios de seus familiares, o narrador ressalta os costumes daquele agrupamento de indivíduos, sublinhando os costumes dos chamados tabaréus. Em meio a suas memórias, destacam-se, ainda, eventos marcantes, como o êxodo de sítiantes do agreste sergipano para o sudeste do Brasil, em razão da seca e da falta de oportunidades de trabalho lucrativo no campo. Nesse contexto, também ganha relevo o interesse do menino tabaréu, testemunha direta dos acontecimentos narrados no livro, pela literatura, antecipando-se, dessa forma, o destino do pequeno Saracura.

Crescendo em um ambiente onde os saberes letrados eram considerados artigos raros ou de luxo, o menino se maravilhava com as histórias de cordel contadas pelo avô materno, Totonho de Bernardino, patriarca da família dos Ferreiros. Homem religioso, considerado rico e o melhor ferreiro da região, era proprietário de um bom sítio e de uma fazenda no sertão. Amava a literatura de cordel e gostava de recitar romances para seus familiares. Vinha desse tronco familiar, o dos ferreiros, o interesse do menino Tonho pela literatura. Quinto filho da família, Tonho viajava com as histórias que o avô materno contava, sendo considerado preguiçoso e sonhador pelo pai, que, ao contrário dos ferreiros, considerava o saber letrado inútil em meio a sua lida diária para tirar o sustento da terra árida.

Outro fato marcante envolvendo os primeiros contatos do menino Tonho com a literatura, remete à conversão de Homero, seu tio materno, ao protestantismo. Antes, também amante das leituras de cordel, o comerciante queima todo o seu acervo de folhetos, bem como a sua coleção de santos católicos, ante a perplexidade do menino Saracura. Esses acontecimentos e a menção a ritos folclóricos como o do alimentador de almas, que acontecia no período da Quaresma, reforçam a presença das tradições populares na vida dos sítios da região. A propósito, Tonho Saracura faz a seguinte descrição do ritual dos penitentes:

Já perto da meia noite, ele pegava a matraca no quarto dos bregueços, dava uma badalada acordando e assustando os meninos medrosos e ia

ao encontro das meninas do coro. Moravam perto, já esperavam reunidas, para ganhar tempo, no alpendre de alguma casa. O grupo, coberto por lençõs brancos de algodão, pegava a estrada escura e chegava à porta da casa do primeiro visitado, previamente escolhido. Não havia suplicios nas recomendações de meu avô. “Bastam os rigores dessa vida nossa!” (SARACURA, 2019, p.45)

O reisado também fazia parte da cultura dos sítios, que muitas vezes, de forma oral e através das danças, caracteriza a vivência do sertanejo, caipira ou tabaréu.

A família dos Ferreiros é retrata nos capítulos iniciais, sendo seus componentes descendentes de holandeses. O nome “ferreiros” vem da origem do trabalho da forja. Eles eram:

Homens grandes de pele branca demais! O sol quente, inclemente tingia-os de manchas que depois se transformava em feridas que não saravam mais. Viviam aqui por acidente. Seu genes eram programados para o sol ameno da Europa desde as gerações anteriores. Homens forte, artistas do ferro! Toda uma raça dedicada à forja, fazendo foices, armas de fogo, pontas afiadas de flechas, enxadas, armadores de rede e rodas de carro. (SARACURA, 2019, p. 63)

Os Ferreiros, habitantes do povoado das Flechas, trabalhavam com atividades como a agricultura familiar, eram comerciantes e vendiam nas feiras do estado de Sergipe, sendo, no entanto, a arte dos ferreiros a atividade mais importante e característica do povoado.

Nesse romance memorialista, o narrador procurou mostrar como era o ambiente rural, dando uma visão da natureza ainda não degradada, mostrando personagens da época da colonização, como pode ser percebido na citação:

As terras que hoje se identificam como a localidade chamada Flechas eram cobertas por uma vasta mata que acompanhava o zigue-zague de um riacho, onde viviam grupos de índios guerreiros, corridos do litoral pelos soldados portugueses. Não quiseram ser degolados pelo comandante Cristóvão e buscaram um refúgio mais interior, Diogo Fosco, capitão amigo do comandante, ganhou parte dessa terras em sesmaria, como reconhecimento pela bravura mostrada, e resolveu tomar posse (SARACURA, 2019, p.55).

Do capítulo dois ao quinto, o narrador traz todas as memórias referentes à família dos Ferreiros; seus avós maternos, as viagens, os pastos, o ambiente natural, os passeios de carro de boi e as histórias de cordel contadas pelo avô Totonho.

É importante pontuar como é descrito o ambiente rural, tanto o espaço externo - o campo, o tanque onde o gado bebia, o tanque do barrocão coberto de muitas flores, a malhada onde a família e trabalhadores rurais exerciam a atividade da agricultura de subsistência, os passeios no carro de boi - como também o espaço interno, composto pela casa principal, um sobrado de madeira de dois andares. Havia também a casa de farinha e a tenda ou forja onde o avô trabalhava de ferreiro. A casa, que havia de ser destruída pela faísca da fornalha, era arrodada de moitas de taquaras e palmas centenárias e de muitas árvores frutíferas.

A partir do capítulo catorze, o narrador descreve a família do Saracura de Zé de Pepedo, mas sem esquecer de retratar a família dos ferreiros. Nessa parte da narrativa ainda há destaque também para a passagem de Lampião pelos sítios de Itabaiana.

No capítulo dezoito, a narração já começa a adentrar na família do Sítio Saracura, explica a origem da família e o nome dado ao sítio. Aqui o narrador traz mais uma vez informações de como vivia a família de Zé de Pepedo, pai de Tonho Saracura, contando cada detalhe do nascimento e da morte das crianças. Fica nítido neste ponto da narrativa que a história perde um pouco a linearidade, pois o narrador volta em alguns momentos a falar da família dos Ferreiros.

Em suma, falar dos comedores de terra é entender como o narrador constrói, com detalhes, a personagem do menino Saracura como símbolo do tabaréu, nesse caso, não tão trabalhador, mas sonhador e apegado às suas origens.

Desde o trabalho nos sítios e as atividades manuais realizadas pela família Saracura, seja no campo ou na casa de farinha, torna-se evidente que a vida nos sítios era sofrida, e, dessa forma, Tonho de Zé de Pepedo, o Saracura, protagonista e narrador testemunha, vê, na educação, a saída para uma vida melhor, finalizando-se a sua narrativa com sua aprovação ao seminário em Aracaju. Tudo isso só foi possível devido ao interesse da Dona Zinha, a qual falou com o Zé Sacristão, e depois disso levou o assunto ao Padre Artur, que encaminhou Tonho ao seminário, fazendo, assim, com que este escapasse dos serviços da malhada. A propósito, essa história seria retomada em outro livro do autor, intitulado *Meninos que não queriam ser padres!*

Para a melhor compreensão do enredo, é possível verificar nos anexos quadros (01, 02 e 03 – páginas 36, 44, 44) como o autor dividiu os capítulos, e

assim compreender como a narração foi organizada, de modo a valorizar a história familiar do autor e a sua vida no campo.

3.3 Representação do tabaréu no Romance *Os Tabaréus do Sítio Saracura*.

No romance em tela, a personagem do tabaréu assume o protagonismo, constituindo-se, juntamente com sua família, como elemento central da trama narrativa. Além disso, a ele também é dado o papel do narrador-testemunha dos fatos relatados ao longo da obra. A propósito, sobre o romance de memórias, comenta a crítica Beth Brait:

No romance epistolar, assim como nas memórias, o aparente monólogo narrativo tem, diferentemente do diário, um receptor em mira, ainda que esse destinatário não esteja implicado nos acontecimentos. Por meio desse recurso, a caracterização da personagem num tempo passado que é recuperado pela narrativa funciona como uma maneira sutil, um pretexto para mostrar o presente e as nuances da interioridade. (BRAIT, 1985, p. 62.)

No romance em estudo, o narrador descreve boa parte de seus personagens com base em memórias colhidas de segunda mão, visto que essa narrativa foi produzida, em parte, a partir das histórias orais contados por sua genitora, dona Florita.

O espaço onde tudo acontece é a zona rural, no período que corresponde às décadas de 40 à de 50, quando predominava, na região do agreste sergipano, a população rural sobre a urbana. Buscando entender todo o contexto histórico do Brasil, nesse período citado, o autor procurou retratar casos passados de maneira realista, caracterizando-se, assim, seus personagens, sendo, muitos desses, baseados em pessoas reais.

Nessa obra, a personagem do tabaréu tem como referência a literatura regionalista brasileira desenvolvida nas primeiras décadas do século XX. Dessa forma, o autor remete à paisagem rural e à vida sofrida do homem do campo, utilizando, em certa medida, a narrativa como instrumento de denúncia social, como se observa na citação a seguir: “Os pataqueiros sempre estavam em nosso sítio, cuidando das tarefas mais pesadas, ganhando por dia o valor equivalente a um quilo de carne com osso”. (SARACURA, 2010, p.144)

Assim, *Os Tabaréus do Sítio Saracura* se define como um romance regionalista que busca, através da narrativa memorialista, dar relevo à figura do tabaréu do agreste sergipano, de maneira à, dessa forma, alçá-lo à categoria da arte, isto é, à categoria do universal.

O tempo da narrativa coincide com a fase do avanço das ideias modernistas no Brasil, nas décadas de 40 a 50. Em muitos aspectos, como se procurou mostrar, a descrição do tabaréu itabaianense remete a personagens como o Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, notadamente, no que se refere à sua descrição como indivíduo sofrido, vítima da precariedade presente na vida rural brasileira na primeira metade do século passado. O preconceito, registrado no livro de Saracura, incide, em especial, sobre a linguagem do tabaréu, realidade que perdura até hoje, fruto do processo cultural que inferioriza o trabalhador rural em relação ao da cidade.

Nesta passagem, percebe-se como o narrador define a insatisfação de Tonho de Zé de Pepedo ao sentir-se incomodado por ser chamado de tabaréu:

- Tabaréu! Papa-Terra! Amarelão!
-Papai vem bater vocês, seus porrinhas! – ameacei com raiva.
Essas ofensas me feriam profundamente. Não que fossem injustas. Mas não aceitava ser apontado publicamente como papa-terra. Comer terra era um vício íntimo, e a possibilidade de castigo físico fazia que o negássemos com veemência. (SARACURA, 2019, p.173)

Assim como Jeca Tatu, a personagem Tonho de Zé de Pepedo, o Tonho Saracura, não tinham acesso a condições de saúde adequadas. Diferente daquele, contudo, vimos, no romance de Saracura, o tabaréu que se torna escritor, tornando-se o porta-voz da própria experiência. Assim, Antônio FJ Saracura se inscreve no rol dos escritores brasileiros que se dedicaram a inserir os diversos 'brasis' no horizonte literário nacional, levando a figura do tabaréu itabaianense e sua evolução no âmbito cultural ao patamar universal da arte.

É importante destacar como a personagem do tabaréu é descrita no romance de Saracura, de modo a revelar, minuciosamente, os costumes, isto é, a cultura do povo dos sítios, dando-se relevo a aspectos como o preparo da terra para o plantio da mandioca e outros cultivos. Assim, nos é dado saber como a casa de farinha era equipada com seus instrumentos arcaicos, tais como o rodete, a peneira, o rodo, dentre outros. Assim, também é apresentado como se dava o preparo certo do forno e como se beneficiava a farinha para o fabrico dos bolos e do beiju, valorizando-se, assim, com riqueza de detalhes, o trabalho do campo. Essa

atividade vivenciada nos sítios fazia parte da sobrevivência aliada à criação de gado e ao comércio dos produtos do cultivo e dos artigos artesanais nas feiras de cidades sergipanas diversas, tais como Maruim, Laranjeiras, Ribeirópolis, Itabaiana e Aracaju.

No romance em estudo, destaca-se ainda a versão do tabaréu como indivíduo trabalhador e forte, que lida na agricultura familiar para a subsistência da família, vendendo o excedente nas feiras. O autor escolheu mais de três capítulos, do trinta e três ao trinta e seis, para descrever o trabalho rural, desde o preparo da malhada ao processo de beneficiamento da mandioca. Todo esse trabalho era realizado no Sítio Saracura. Na passagem a seguir, vemos como é descrito, na obra, o sistema da agricultura de subsistência:

No sítio, havia serviço demais! A malhada estava sempre plantada de mandioca, aipim, inhame batata e outras culturas, destinadas ao consumo próprio ou à venda. Nem o nosso, nem nenhum sítio conhecido por nós arava a terra mecanicamente naquela época. Não existia trator, nem ao menos o universal arado. Todo trabalho era feito manualmente, com enxadas, por nós mesmos. É certo que havia os pataqueiros. Francisco de Dona, além de exímio mexedor de farinha, carregava a fama de cuidadoso enxadeiro. Outros pataqueiros empreitavam a limpeza de tiras de mandioca, a derrubada de mata. Mesmo assim, todos nós, desde muito pequenos, trabalhávamos duro. (SARACURA, 2019, p. 210)

Por fim, vale ainda destacar aqui como, na visão de Saracura, o tabaréu transformou o preconceito através da educação, aprendendo a ler e indo em busca de superar as limitações do ambiente rural. Quanto a isso, vimos como esse aspecto é configurado na obra, quando o narrador afirma como o seu personagem gostava de ouvir as histórias do avô Totonho, o que era comum nos sítios, onde não existiam nem escolas nem abundantes formas de lazer.

Na caracterização das personagens femininas, o autor buscou, através de sua mãe Florita, enaltecer os traços dos seus descendentes holandeses, e isso ele reforça inclusive quando diz que seu avô Totonho mandou buscar uma professora na cidade. Florita ocupa um lugar central nesse romance, visto que foi a partir dos fatos contados por ela que o narrador desenvolve a sua narrativa.

Ainda em relação às personagens, pode-se dizer como a mulher era discriminada e explorada, a exemplo da pataqueira Jovita, que era chamada de prostituta pelas pessoas do sítio.

Do ponto de vista físico e moral, no romance de Saracura, o tabaréu é retratado como forte, valente e trabalhador, constituindo-se como uma personagem de costumes. O tabaréu torna-se, nesse caso, uma criação do autor/narrador, que dá vida a uma personagem fictícia, sem deixar de ser autobiográfica. Nesse ponto, o tabaréu de Saracura dialoga com o sertanejo de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, visto que ambas enfatizam o sertanejo como forte, uma personagem de certa forma heroica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo, tive a oportunidade de debruçar-me sobre a temática regional presente na literatura brasileira. Temática essa que muito contribuiu e contribui para mostrar, através da ficção ou não, como os temas regionais estão presentes até hoje. De modo geral, podemos dizer que, como representante do regionalismo literário brasileiro, essa obra de Saracura promove uma muito válida reflexão sobre a nossa identidade nacional, tendo como enfoque a trajetória do tabaréu, essa personagem típica do Nordeste brasileiro, uma figura marcada pelo sofrimento, mas também tida como forte, trabalhadora e heroica na literatura regionalista. Como dito inicialmente, as entrevistas realizadas com o escritor, seus familiares e amigos contribuíram para o entendimento da relevância dessa obra como narrativa memorialista, sem dúvida, reveladora das particularidades culturais do agreste sergipano. Outrossim, importa aqui reconhecer e reiterar a sua relevância no âmbito do regionalismo literário brasileiro, senão universal.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISPO, José de Almeida. **Itabaiana, nosso lugar. Quatro séculos depois.** Edição do Autor. Aracaju: Impressão: Infographics Gráfica e Editora, 2013.

BELLO, José Luís de Paiva. **Metodologia científica.** Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/met01.htm>>. Acesso em: 22 jun. 2013.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira.** 50ª ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

BRAIT, Beth. **A personagem.** São Paulo: Ática, 1985.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade.** 9ª. Ed. Rio de Janeiro: Ouro Azul 2006.

_____. **Os Parceiros do Rio Bonito.** 11ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2010.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro.** 9ª Ed. Revista, atualizada e ilustrada: São Paulo: Global, 2000.

CHIAPPINI, Ligia. **Do Beco Ao Belo:** dez teses sobre o regionalismo na literatura. Rio de Janeiro, vol.8, n.15, 1995, p.153-159. Disponível em:<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/1989/1128>> Acesso: 28-08-2019.

CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emilio Sales. **A personagem de ficção.** 11ª. Ed.(1ª reimpressão). São Paulo: Perspectiva, 2007.

FERRAZ, Isa Grinspum. “Os Caipiras, por Antonio Candido” (Documentário). 2001. Disponível em: <<https://farofafilosofica.com/2018/03/13/os-caipiras-de-antonio-candido-documentario-livro/>>. Acesso: 25-06-2019.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Obras literárias usadas neste estudo

ALENCAR, José de. **O Sertanejo.** 4ª Ed. São Paulo: Ática, 1987.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões.** 1ª Ed(Clássicos da Literatura). Barueri, SP: Ciranda Cultural, 2018.

SARACURA, Antônio F. J. **Os Tabaréus do Sítio Saracura**. 5ª Ed. Aracaju: Infographics Gráfica e Editora, 2019.

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. São Paulo: Editora: Globo, 2012.

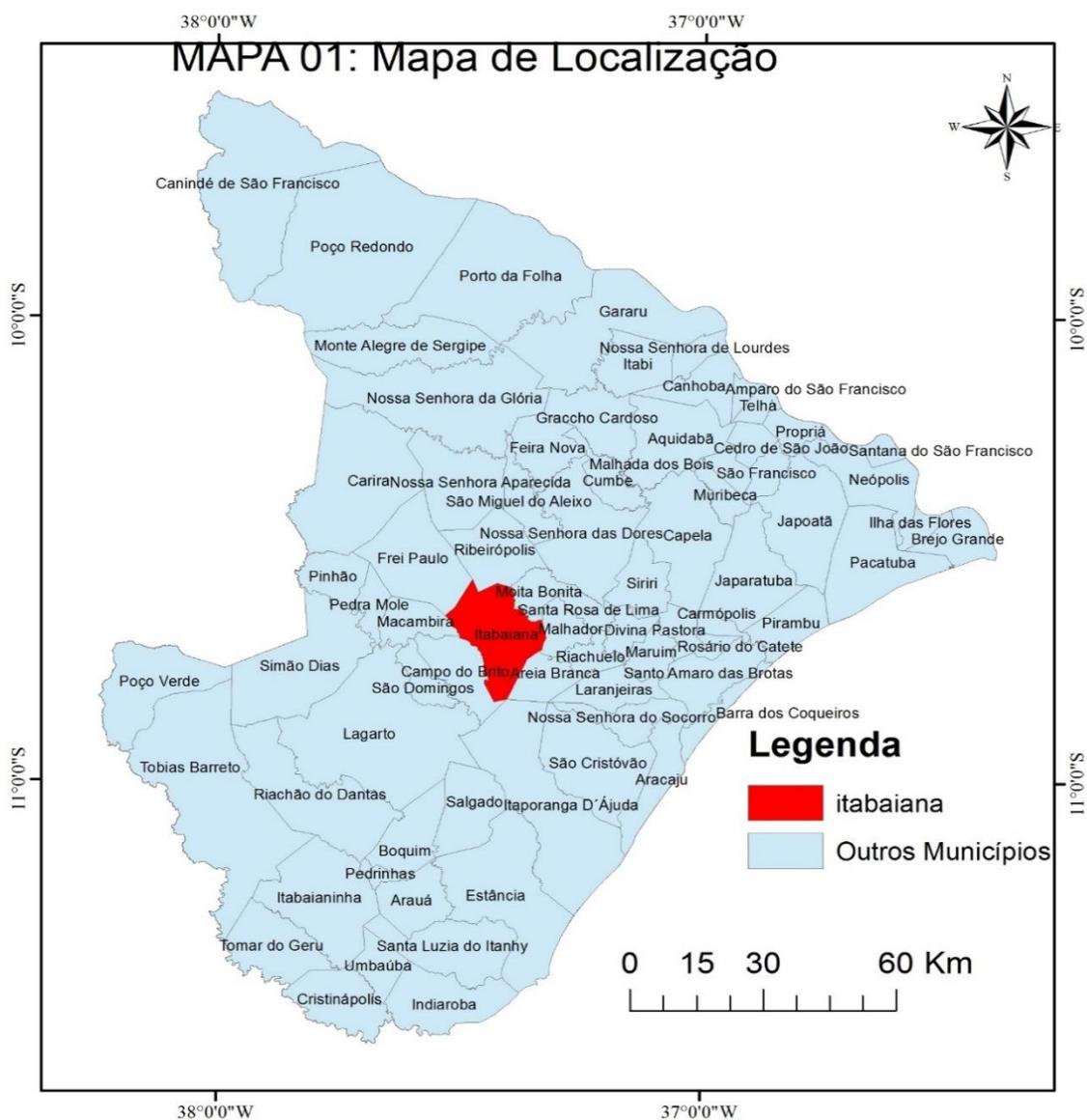
LOPES NETO, João Simões. **Contos gauchescos**. 9ª ed., Porto Alegre: Globo, 1976. (Col. Província). A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro Disponível<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000121.pdf>NETO >. Acesso: 25-03-2020.

TAUNAY, Visconde de. **Inocência**. Editora Klick, 2002.

6 ANEXOS

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: MAPA DO ESTADO DE SERGIPE



Sistema de coordenadas geográficas: SIRGAS 2000

Fonte: IBGE 2010

Data de elaboração: 19 de Outubro de 2016

Edição: Franciely Santos Cunha

Figura 03 – Entrada do Sítio Saracura



Foto: Jussane Maria Teles Santos Mendonça

Figura 04 – Panorâmica do Sítio Saracura

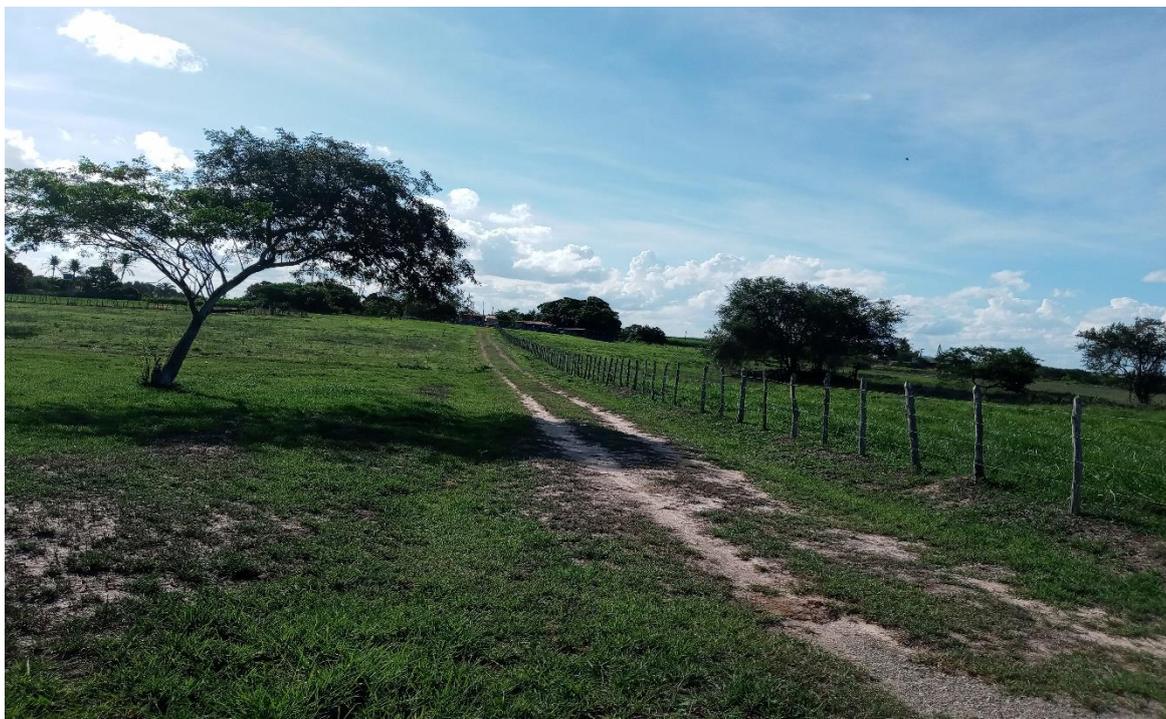


Foto: Jussane Maria Teles Santos Mendonça

Figura 05 – Povoado Terra Vermelha- Sítio Saracura com vista para a Serra de Itabaiana -SE

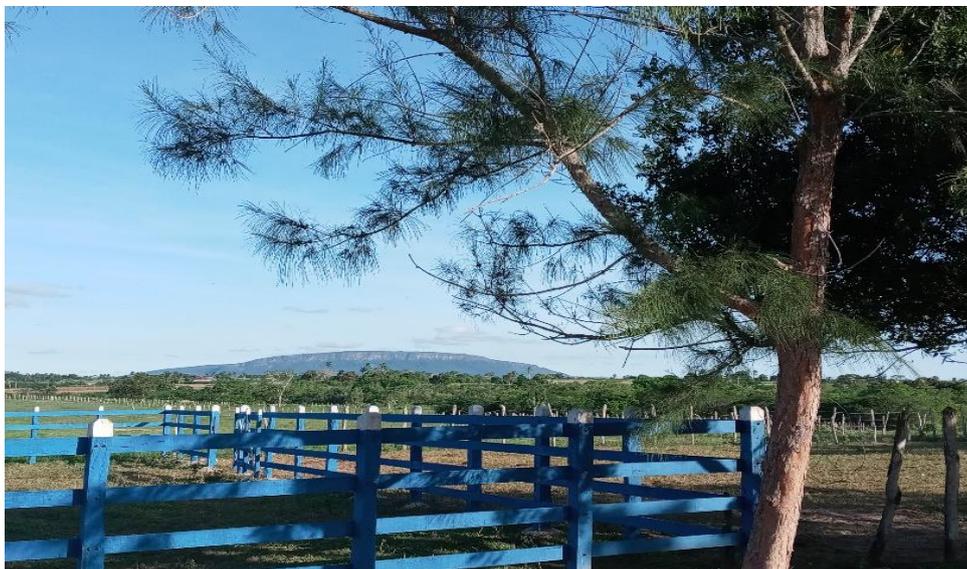


Foto: Jussane Maria Teles Santos Mendonça

Figura 06– Povoado Terra Vermelha- Itabaiana –SE Sítio Saracura – Malhada de mandioca.



Figura 07 – IV BIENAL DO LIVRO DE ITABAIANA –SE



Foto: Jussane Maria Teles Santos Mendonça

Figura 08 – IV BIENAL DO LIVRO DE ITABAIANA –SE



Foto: Jussane Maria Teles Santos Mendonça

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 - PERSONAGENS DE ACORDO COM A ESTRUTURAÇÃO DE CADA CAPÍTULO

CAPÍTULOS	PERSONAGENS RETRATADOS	O QUE MARCA CADA CAPÍTULO
1- Antes de mais nada	Ferreiro Bernadino; tia Carmosina (a professora)	Bernadino, morador da Matapoã, introduz a história do livro;
2- Viagem às Flechas	Florita, Tonho (Saracura), João de Romão	Era a cada 15 dias, e depois de 12 anos era uma vez por mês; a pobreza dos sítios;
3- Um domingo nas Flechas	Totonho, Mãe Céu, Nete, Marialurdes, Natália, tia Carmosina, Tio Zé, Tia Bernadete, Homero	
4- Os livros de cordel	Homero, Mãe Céu, Totonho	Cordel em homenagem ao avô Totonho, cordel do Pavão Misterioso era recitado pelo avô
5- O Sítio dos Ferreiros	Descrição do sítio	Todo um saudosismo na descrição.
6- O alimentador de almas	Avô Totonho, Mãe Céu, João de Jerca, Pequena, grupo de penitentes coberto	Grupo de penitentes que saiam pelas ruas cantando eram os alimentadores de almas.
7- A rapariga e a morte questionada	Nininha, Totonho, Mãe Céu, Bento Preto	Relacionamento de Totonho com outra mulher chamada de rapariga, tinha dois filhos dele, com a morte do velho herdou apenas algumas reses.
8- O romance de Mãe Céu	Mãe Céu, Joaquina, Diogo, Nicolau de Norato	Retrata a origem de holandeses com os pais de Mãe Céu fruto dos

		colonizadores portugueses em Sergipe.
9- Dona Céu das Capitingas	Mãe Céu das Capitingas, João Mocó, índio Jeremias.	As Capitingas era uma região do município de Frei Paulo, onde vivia a família de Nicolau de Norato, soldado desce de holandeses.
10 O romance dos Ferreiros	Ferreiros, João Antônio, Bernadino, Zentinho, Francisco Benvindo, Nonô Totonho, Libânio.	O modo de vida dos ferreiros, homens fortes, de cor branca, gastavam dinheiro em festas, eram trabalhadores e inteligentes, trabalhavam como ferreiros e na agricultura familiar, viajavam para Maruim vender mercadorias, marco foi a morte de Bernadino atropelado pelo trem
11 A cuia furada	Zentinho.	Aposta de um freguês com Zentinho na feira de Itabaiana, e Zentinho ganhou por furar duas cuias juntas.
12 A autorização do Papa	Zé Chico Antônio (primo de Totonho), Zefinha de Nicolau (irmã de Mãe Céu), Francisca (sobrinha de Francisco) Francisco.	Autorização do papa para os casamentos entre primos
13 Os incertos troncos	Candire (jovem índia), Francisco de Jesus.	Origem dos Saracuras, que viviam entre as terras dos municípios de Nossa Senhora das Dores e Itabaiana, hoje estão os povoados de Serra do Machado e Candeias, pequeno engenho de Antônio Saracura.

14 Romance dos Saracuras	Padrinho Pepedo, madrinha Santinha, Zé de Pepedo, Florita, Totonho, Sizino, Paulino de Vicente, Homero, Sílvio, Zezé de Jones, Ugena, Delzuíta,	O romance de Florita e Zé de Pepêdo.
15 A morte dos inocentes	José Fernandes, Mãe Céu, Totonho, Zé Luís, Lourdinha, Bernadete, Maria do Carmo, Delzuíta, Januária, Ugena.	Dez filhos, 5 morreram da doença <i>mal de sete dia</i> (o cordão umbilical era cortado com tesoura enferrujada), recursos precários de saúde na cidade de Itabaiana, cultura popular
16 Duro de morrer	Arineia Preta (parteira), Tia Sinhá, João.	Tonho foi batizado na igreja com certificado, fala do narrador e sua doença.
17 Os pequenos holandeses		Nascimento dos filhos homens, a melhoria na cidade e Florita foi ter filhos na maternidade.
18 O Sítio Saracura	Narrador, Pepedo, Florita, Tio Ulisses, Janjão (o cigano).	Origem do sitio Saracura, os filhos de Pepedo casavam e cada um ia ocupando pequenos trechos de terá chamado de malhada, origem do nome devido o pássaro que cantava triste durante á noite e pela manhã.
19 Madrinha Santinha e as armadas do marido	Madrinha Santinha, Tio Chico, Tonho, Padrinho Pepedo, Zé, Tia Zefa.	As ações do avô Pepedo e sua morte.
20 Até Perpétua secou	Bento Preto, José, Moisés.	Seca de 1932 que fez a fonte publica chamada de <i>Pérpetua</i> secar, família de Bento Preto, a

		miséria provocada pela seca levou as pessoas migrarem para São Paulo.
21 Lampião no oitão da tenda	Totonho, Lampião.	O bando de Lampião e sua passagem nas Flechas.
22 Água salgada com cocada	Totonho, Florita.	A seca era grande e água salgada, a cocada era para poder adoçar a água.
23 O dia do juízo final	Totonho, esmoler (pedinte).	A mandioca em grande quantidade do sítio de Totonho ajudava na fome das pessoas da vizinhanças e durou todo a seca, chuva com ventania fez chover e parecia um milagre.
24 O carro de boi	Florita, Lourdinha, Zé, Oviedo, Marinês.	Religiosidades, costumes, o carro de bois era usado para transportar o esterco dos bois de um pasto pra outro.
25 Uma semana nas Flechas	Lourdinha, Totonho, Pedro de Margarida.	Histórias de Lourdinha, migração de Pedro de Margarida, a vida com a avós maternos nas Flechas era uma festa passava uma semana.
26 O romance da pataqueira	Jovita, Zé de Sinhá, Tereza, Maria Anádia.	Romance, miséria e pobreza, exploração da mão-de-obra feminina.
27 A filha renegada	Zé de Sinhá, Jovita, Ana	A traição de Zé com Jovita a empregada, humilhação e desprezo sofrido por Jovita.
28 O conto de fadas pequenos tabaréus	Zeinha Saracura.	Casamento de Ana com Zentinho, e continua a exploração da mulher.

29 Os pequenos tabaréus	Florita, Zé, as Junqueiras, os moleques da cidade.	Preconceito com a população dos sítios, a tiradeiras de junco queimaram o pasto de Zé e ainda chamaram de tabaréus, papa-terra e amarelão, a insatisfação é grande ao serem chamados de tabaréus.
30 Os comedores de terra	Florita, Silva, Tia Zefa.	Condições precárias de saúde, doenças provocadas pelas verminoses.
31 A vida boa do hospital	Florita, Oliveira, Zé, velho mendigo, Dona Jovita, o médico.	Oliveira ficou muito tempo no hospital, comendo sem trabalhar.
32 Balanço do cafezeiro	Tia Caçulinha, Marinês.	O cafezeiro serviu de esconderijo para Tonho pois havia dado uma baleadeira na testa de Tia Caçulinha.
33 O cotoco de mão	Francisco de Dona, Jovita, Marinês, Manoel Sobral.	O beneficiamento da mandioca é retratado com detalhes e Marinês ao usar o rodete de ralar a mandioca, cortou o dedos.
34 Farinha branca de encandear	Francisco de Dona, Tonho, Zé de Pepedo, Florita.	Como era processada a mandioca nos sítios.
35 Um pedaço de beiju para dona Zinha	Marinês, Zinha, Lourdinha.	Diálogo entre a mãe e as irmãs e o fabrico de comidas como beiju e bolos de tapioca.
36 Muito mato na malhada	Florita, Francisco de Dona, Marinês.	Descrição do espaço ocupada pela mandioca, a malhada e o processo de do cultivo.
37 Plantando gramão na beira do rio	Lourdinha, Marinês, Bernadete, Florita, Zé,	O plantio de grama a no sitio para alimentar o gado e ter mais renda

	professora de corte e costura.	
38 A casa do rancho	Euclides, Tio João, Zé Pé de Lata, Zeca Mesquita, Tio João, Solon.	A compra da casa na cidade, a prisão do tio Joao, a vida na cidade modernidade com a energia elétrica e o cinema em Itabaiana, um rancho na cidade para família quando necessitava de resolver algumas coisas.
39 A cidade das muriçocas	Zé de Ana, Zefa, Zé de Pepedo.	Retrata a cidade de Itabaiana 1957, não possuía água encanada, Tonho vendia agua na feira de Itabaiana, o estranhamento com as muriçocas da cidade de Itabaiana.
40 A palmatória de dona Zinha	Zinha, Marinês, Antônio de Tia Dezi, Mídio, Alberta.	Comparação com a educação nas Flechas, todos os irmão de Tonho sabiam ler. Os ferreiros davam muito valor ao estudo e não diferenciava a educação entre homens e mulheres. Dona Zinha era a professora, pretinha, era discriminada mais não ligava ela tinha muita sabedoria por isso não ligava. A palmatoria era a forma de punição pelos deveres errados ou desobediência.
41 Escapando da enxada	Zé Sacristão, Dona Zinha, Pais de Saracura, Padre Athur, Bernadete de Dona.	Tonho superou as dificuldades de leitura e a professora Dona Zinha sugeriu que os pais o levassem para outra escola. Ele foi estudar no cajueiro com a professora

		<p>Bernadete, como já sabia ler demais, a mesma disse para a família falar com o padre e encaminhá-lo ao seminário. Assim, a Dona Zinha falou com o Zé Sacristão, e depois disso levou o assunto ao Padre Artur que o encaminhou ao seminário e assim escapou do serviços da malhada.</p>
--	--	---

OBS: Tonho(Saracura) de Zé de Pepedo participa de todos os capítulos.

**QUADRO 02 - PERSONAGENS DO SÍTIO SARACURA - POVOADO
TERRA VERMELHA - ITABAIANA - SE**

PERSONAGENS	CARACTERÍSTICAS
Pepedo (avô paterno de Saracura)	
Santinha (avó paterna de Saracura)	
Zé de Pepedo (pai de Saracura)	Família composta por dez filhos, morador da Terra Vermelha, tinha uma malhada de mandioca e um tropa de burros.
Florita (mãe de Saracura)	Memória fantástica, contadora de histórias.
Tonho (Saracura)	Quinto filho da família, viajava com as histórias que o avô materno contava, era considerado preguiçoso, falava sozinho, não era sadio e nem trabalhador como o pai.
Lourdinha (irmã de Saracura)	Contadora de histórias, parecia mais com os Ferreiros.
Bernadete(irmã de Saracura)	
Marinês(irmã de Saracura)	Irmã mais nova de Saracura, trabalhava na malhada desde os sete anos.
Maria do Carmo(irmã de Saracura)	Morreu com nove meses.
Delzuita (meia-irmã de Saracura)	Morreu no mesmo dia que Maria do Carmo.
Silva	Migrou ainda pequeno para a cidade de São Paulo, cobrador de ônibus.
Jaime	Tinha uma bodega.
Oliveira(irmão mais novo de Saracura)	Irmão mais curioso, arado de fazer vergonha.
José Luiz	
José Fernandes	
Antônio Fernandes	

**QUADRO 03 - PERSONAGENS DO SÍTIO DOS FERREIROS -
POVOADO FLECHAS - ITABAIANA - SE**

PERSONAGENS DO SÍTIO SARACURA	CARACTERÍSTICAS
Bernardino	Pai de Totonho, morreu atropelado pelo trem em Maruim.
Totonho de Bernardino avô materno de Saracura	Rico, dono de um bom sítio, melhor ferreiro da região, tinha uma fazenda no sertão, gostava de recitar cordel, exemplo de religiosidade.
Mãe Ceú avó materna de Saracura	Tinha pais ricos e descendentes de portugueses e de índio.
Florita	Filha mais velha.
Silvio (filho de Mãe Céu)	Quebrado pela cepa
Homero (filho de Mãe Céu)	
Nete(filha de Mãe Céu)	Casou com Moisés de Lourdes um pé-rapado.
Marialurdes(filha de Mãe Céu)	Alta, bonita, parecia uma índia tupinambá, cabelos negros e lisos.
Ze(tio)	
Caçulinha(tia)	
Bernadete(tia)	Era congestionada, vivia dentro de uma rede, era moça feita e regulava como menina.
Silvio	Migrou ainda pequeno para a cidade de São Paulo, cobrador de ônibus.
Homero	Tinha uma bodega, converteu-se a seita protestante e queimou os livros de cordel, os santos.
Zentonho, Francisco Benvindo, Nonô	Irmãos de Bernardino.
Libânio	Filho de Bernardino, tinha a força de dois homens.
Zentonho	Homem muito forte, ferrava carro de boi colando o aro de ferro em brasa, gabola, bebia cachaça.

7 APÊNDICES

ENTREVISTAS

Entrevista 01: SARACURA

Entrevista 02: TONHO DE DEZI (CUNHADO DE SARACURA).

Entrevista 03: BERNADETE (IRMÃ DE SARACURA).

Entrevista 04: LOURDINHA (IRMÃ DE SARACURA).

Entrevista 05: JOSÉ ALMEIDA BISPO.

Entrevista 06: SARACURA.

Entrevista 07: CORINA.

Entrevista 08: TONHO DE NENEÚ.

Entrevista 09: JOÃO MENDONÇA (PROFESSOR).

- 1- Lendo seus livros, percebe sua veia literária desde sua passagem no seminário em Aracaju. Como e quando surgiu a ideia de ser escritor?**

Resposta: No seminário, onde estudei de 1958 e 1963, li muitos livros, editei/redigi jornais e participei do Centro acadêmico São Tomás de Aquino. Lá eu sonhava que um dia seria escritor, como José de Alencar, Machado de Assis e José Lins do Rego. Depois, na vida, esqueci do sonho, mas escrevia minhas histórias e lia compulsivamente.

- 2- Seu primeiro livro *Os Tabaréus do Sítio Saracura*, diferencia dos outros em que, já que foi o seu primeiro livro?**

Resposta: É um livro de apoio/básico no qual é descrita a vida do povo do interior, indo ao passado e ao futuro. Os demais são livros que partem dele, desenvolvem aspectos que os Tabaréus apenas indicou. Os Tabaréus é como Simarilion em relação aos demais de JRR Tolkien (forçando a barra).

- 3- Como foram construídos seus personagens do livros os tabareus já que no livro meninos que não queriam ser padres você usou pseudônimos?**

Resposta: Tanto em Os Tabaréus como em Meninos, como nos demais livros, há personagens com nomes reais e outros com nomes inventados, isto depende de uma avaliação sobre magoar/honrar que faço (tenho errado bastante). Todos os meus personagens são inspirados em pessoas que conheci, que convivi, que entendi e que percebo que se encaixam no que descrevo (mesmo que algum não tenha vivido o descrito).

- 4- Como você se define enquanto escritor, na atualidade, já que tem influenciado e contribuído para difundir a literatura em nossa Itabaiana, no Estado e no Brasil?**

Resposta: Eu sou um escritor dedicado à arte da escrita e fiel ao tema que planejei abordar. Busco intensamente a frase perfeita e nunca saio de Itabaiana (que é o mundo todo) e da luta do povo bom (que é 90% da

população) em busca da sobrevivência e do sucesso (variados níveis de sucesso). E como sou apaixonado pelos meus livros e pela literatura, dedico, naturalmente, o tempo que posso incentivando as pessoas a lerem os bons livros que há e a escreverem as belas histórias que se perdem à nossa frente.

5- Em sua quinta publicação do livro, os Tabaréus, quais principais mudanças foram feitas e o motivo?

Resposta: Ajustei a escrita: Reduzi lapsos gramaticais, eliminei redundâncias, clareei diálogos e descrições que apresentavam alguma dubiedade ou deixavam subentendidos ou evidências exagerados, minimizei a voz passiva nas frases e equacionei melhor os tempos dos verbos. O motivo foi fazer o livro fluir melhor, aproximá-lo da excelência (que sempre escapa esperta).

6- A crítica tem contribuído positivamente em relação ao livro dos tabaréus. Como você a recebe, e se teve alguma crítica negativa que o fez melhorar?

Resposta: O primeiro exemplar de cada a edição de um livro, eu separo e marco-o com uma etiqueta: “para acertos”. Recebo muito retorno de leitores, há meu telefone na primeira página de meus livros, facilitando o contato. Alguns leitores (por escrito ou verbalmente) comentam: “ficou confuso aquele parágrafo, há uma palavra truncada, o capítulo tal é meio monótono...etc”. Eu vou logo e reescrevo a parte, à caneta. Agradeço o retorno, seja elogiando ou criticando. Agrada-me muito mais a crítica, ela me ajuda a fazer a nova edição melhor.

7- A Bienal do livro de Itabaiana tem qual objetivo para você enquanto escritor?

Resposta: A Bienal coloca à frente dos escritores todos os leitores (e há muitos) da redondeza desejando muito comprar livros. E o escritor (eu ou qualquer outro) precisa desesperadamente de pessoas para lerem seus livros antes que o cupim os coma. Eu então não deixo os leitores escaparem sem levar um dos meus livros (ou todos) para os ler em casa.

Entrevistado número 02: Tonho de Dezi(cunhado de Saracura)

Tonho de Dezi, primo de Saracura, casou com Bernadete, era muito estudioso, fez a prova da Admissão para o Colégio Murilo Braga e passou em primeiro lugar.

1- Como se sente sendo citado no romance?

Resposta: Orgulhoso, pois todos os livros têm meu nome, apesar de este livro ser o que mais gosto.

2- Quantas vezes leu livro?

Resposta: Mais de uma. Os outros livros já li todos

3- Fale sobre o livro.

Resposta: Ele conta uma história quase real. Conta a história dos holandeses, dos pataqueiros.

4- Como se sentia quando era chamada de tabaréu?

Resposta: Eu não me incomodava.

5- Sobre Saracura, o que você tem a dizer?

Resposta: Amigo desde a infância, gosto muito dele.

6- O que representa o Sítio Saracura para você?

Resposta: O sítio foi vendido pelo pai de Saracura e, para mim, até hoje representa tudo; marca as raízes e não está à venda. Aqui é o lugar onde vivo.

Entrevistado: número 03- Bernadete esposa de Tonho de Dezi Data: 15-04-2020

1- Como se sente sendo citada no romance?

Resposta: O maior orgulho do mundo.

2- A infância?

Resposta: Muito ruim e sofrida. Trabalhava muito. Casei nova com 18 anos e tenho três filhos.

3- Quantas vezes leu?

Resposta: Não li. O marido é quem lia. Saracura acrescentava muito, mas tudo verdade.

4- Fale sobre o livro.

Resposta: Ele fala a verdade sobre meu pai, gosto de tudo.

5- Teve mais contatos com a família dos Ferreiros ou a família do Saracura?

Resposta: Os Ferreiros. Toda semana ia com mamãe pra lá. E a família de papai não tive muito contato.

6- Como se sentia quando era chamada de tabaréu?

Resposta: Tinha orgulho de ser

7- Sobre Saracura, o que você tem a dizer?

Resposta: É o irmão mais apegado que eu tenho, muito amoroso.

8- O que representa o sítio?

Resposta: Muito bom, mais de 20 anos que eu tenho esse sítio. É uma riqueza, é o local de encontro, quem mais vem é Saracura.

Entrevistada número 04: Lourdinha Data: 15-04-2020

1- Como se sente sendo citada no romance?

Resposta: É uma honra

2- Quantas vezes leu?

Resposta: Uma vez, já sei de tudo que tem lá.

3- Fale sobre o livro.

Resposta: Tem verdade e muita coisa ele inventa.

4- Teve mais contatos com a família dos Ferreiros ou a família do Saracura?

Resposta: A dos ferreiros. A do Saracura é muito unida até hoje se reúne todos.

5- Como se sentia quando era chamada de tabaréu?

Resposta: Não gostava, pois a gente vinha de pés descalços do sitio para a rua, só calçava o tamanco de madeira quando chegava na rua, e por isso as crianças mangavam.

6- Sobre Saracura, o que você tem a dizer?

Resposta: Irmão maravilhoso, sempre ajudou a mãe quando estava doente e foi a Salvador. Ele ajudava a mim e aos meus filhos.

Entrevista número 05 escrita: Escritor e historiador: José Almeida Data: 22-04-2020

1- O que você tem a dizer sobre o escritor Saracura?

Resposta: Beletrista profissional, já que na adolescência e juventude foi redator de "A Cruzada". De formação clássica, uma vez que, mesmo não chegando a ser seminarista, teve-a dentro de um meio da alta qualidade literária produzida no ambiente eclesiástico; e que fez jus ao que aprendeu na juventude ao retornar ao prelo depois de aposentado.

2- Sobre a narrativa do Tabaréus do Sitio Saracura, o que você tem a dizer do ponto de vista literário?

Resposta: Registro vivo do nosso mundo rural de meados do fantástico século XX. Nosso mundo em ebulição, através da lente de um garoto de aspirações, talvez menores do que aquilo em que viria se tornar; mas o registro vivo e insofismável de um mundo que foi só autor; mais de oitenta por cento dos itabaianenses de hoje com mais de sessenta anos. O meu mundo infantil.

3- Em sua opinião, há alguma obra literária que dialoga com esse romance? Qual e comente?

Resposta: Não tenho muita autoridade para falar sobre literatura romaneada; haja vista ser bem relapso na leitura do gênero; porém, nacionalmente eu o colocaria na estante, na seção de Menino de Engenho, do José Lins do Rego.

4- Na sua visão, qual a importância desse romance para os itabaianenses?

Resposta: Enorme! Enorme! Como disse, é um registro de uma Itabaiana que não existe mais; que morreu entre as décadas de 1970-1980, completamente irreconhecível às novas gerações, inclusive de origens atuais na zona rural, e que manteve por séculos até então com poucas e

suaves modificações; mas que de uma noite pra um dia, em menos de duas décadas virou de perna pro ar. Antônio Francisco de Jesus a registra *ipsis litteris* como o foi. Daí a grandeza da sua obra, especialmente dos Tabaréus do Sítio Saracura.

5- O que mais chamou sua atenção no livro?

Resposta: Para mim que vivi esse mundão, tudo faz sentido; tudo é interessante. Desde as caminhadas entre as Flechas e a Terra Vermelha, seus acidentes com montarias ariscas, partos, chegadas – ou partidas – de São Paulo, rezas e rezadeiras, feiras, farinhadas... tudo! Mas o que pra mim dá leveza ao conjunto que mais gostei na narrativa do Saracura foi o toque de humor presente em toda a obra. Humanizando-a ao máximo. Além do registro para a posteridade da minha, da dele, das nossas infâncias de nós, sexagenários ou mais.

1- Do ponto de vista literário, você classifica Os Tabaréus do Sítio Saracura como realista ou modernista?

Resposta: Essas caixas fechadas de escolas literárias são sempre injustas com os autores; escrever inclui criação e liberdade. Em uma página o autor pode estar em quase todas. Tenho mais de modernismo na segunda fase (temática nacionalista) a algo do **Realismo** (objetividade, temática social).

2- Como você mesmo já informou em outra entrevista que alguns personagens são fictícios. Quais você teve mais interesse em sua criação literária?

Resposta: Talvez Zeinha Saracura e Jovita (p.157) tivesse mais interesse, e os aproveitei para narrar a malvadeza da vida e o conformismo das pessoas. Também Zé pé de Lata (p.221, o rico prepotente que menospreza sutilmente o pobre). Também Digo Fosco (p.55, para retornar ao passado com certa consistência) e lolô das Capitingas (p.61, como o mesmo fim). Entretanto, os personagens reais são fortes na minha criação literária; eles assumem suas vidas e de outros (até fictícios), como é o caso do próprio narrador (Tonho).

3- Que pontos mais fortes despertaram seu interesse/atenção nesse romance?

Resposta: A visão de futuro da mãe, Florita.

A praticidade imediatista do pai, Zé de Pepedo, focado na sobrevivência do momento (que já era muito).

A alegria que está presente mesmo em cada dor.

O respeito à sabedoria (tradições, poderes) do povo simples.

O sonho (evidente ou subliminar) de uma vida melhor.

4- Quais os romancistas te inspiraram na criação literária desse romance?

Resposta: Vários que li compulsivamente a vida inteira. Não posso deixar de citar José Lins do Rego de minha infância (Menino de Engenho, Doidinho e Banguê), Graciliano Ramos, Sebastião de Carvalho Peixoto deu um bom empurrão com “Uma Vida em Versos”, de 1994.

5- Comente, de forma breve, a importância dos seus livros estarem sendo estudados nas disciplinas do Curso de Letras, Campus- Prof Alberto Carvalho- Itabaiana Se?

Resposta: Dizem que santo de casa não faz milagre. Mas em Itabaiana é diferente. Para o escritor é gratificante ser avaliado pela elite da universidade. Flávio Passos Santana (doutorando na época) produziu “A Construção das imagens discursivas da cidade de Itabaiana”, em “Os Tabaréus do Sítio Saracura” (está no livro “Diversas Faces de Itabaiana”, publicado em 2016). “Os Ferreiros” foram avaliados por um grupo de trabalho comanda por Jussane Teles, produzindo um relatório que me dignifica. Equipe de alunos da professora Vilma produziram vídeos e dossiê em cima do mesmo livro e de outros de minha autoria (estonteantes!). E agora, Jussane Teles, professora, e dedicada estudiosa, debruça-se sobre “Os Tabaréus do Sítio Saracura” e finaliza sua dissertação de final de curso. Por isso, também por isso, valeu muito a pena ter dedicado parte de minha vida em escrever sobre esse povo singular de Itabaiana que, por sorte, sou parte dele.

6- Você consegue mensurar seu público alvo desse livro?

Resposta: É vários. Muita gente que dá retorno é leitor contumaz. Mas há pessoas humildes (também moradores da zona rural) que jamais haviam lido outro livro; há o povo da grande Itabaiana, especialmente os dispersos pelo mundo. Há professores, donas de casa (que leem muito)... O livro tem atingido mais pessoas maduras. Há quase cinco mil exemplares circulando, sem contar cópias, excertos... Eu queria muito mais.

7- Qual (quais)a escola(s)e professor(es)que primeiro trabalhou seu livro com os alunos?

Resposta: Foi o professor João Mendonça, no colégio Eduardo Silveira. Acho que foi o primeiro.

8- Em Itabaiana quem primeiro trabalhou seu livro e a escola? Qual a sua opinião e sensação?

Resposta: Veja acima. A sensação foi indescritível. De Glória. Portas começavam a se abrir para “Os Tabaréus do Sítio Saracura”. Que é o desejo de qualquer escritor.

9- Como você avalia essa aceitação das escolas em trabalhar sua narrativa?

Resposta: Sem falsa modéstia, acho que estão fazendo justiça a um livro que revela a história genética de todos nós, pois descendemos desses tabaréus que o livro ressuscita.

Pessoalmente, sinto-me vitorioso e comemoro tanto intimamente que até relaxo nos agradecimentos aos professores que valorizaram meu livro. Devo muito a cada um que propagou a nossa literatura Sergipana e, em particular, os livros desse tabaréu da Terra Vermelha.

Entrevista número 07 com leitor: Corina de Carvalho – senhora septuagenária que tem as origens no povoado Várzea do Gama, próximo ao povoado Terra Vermelha - 26-04-2020 75 anos

1- O que você achou do livro?

Resposta: Muito bom.

2- Leu quantas vezes esse livro?

Resposta: uma vez e tô na segunda.

3- Conhece alguns dos personagens?

Resposta: Sim. A família dos Ferreiros.

4- Sentiu-se dentro da história?

Resposta: Sim

5- O que mais gostou?

Resposta: A parte que conta quando ele não acertava a lição e depois ele desarnou e sabia mais que a professora.

6- Onde morava? E onde mora?

Resposta: Várzea do Gama e hoje em Itabaiana

7- Conhece o escritor Saracura?

Resposta: Não, só pela foto.

Entrevista número 08 com leitor: Antônio Evangelista de: Jesus 60 anos

1- O que você achou do livro?

Resposta: É bom, conta uma história boa.

2- Leu quantas vezes esse livro?

Resposta: *Os Tabaréus do Sítio Saracura*, li Uma vez, e na segunda fiquei na metade, mas li três vezes os *Curadores de cobra de gente*, os ouros já li todos.

3- Conhece alguns dos personagens desse livro?

Resposta: Não, só dos *Curadores de cobra de gente*

4- Sentiu-se dentro da história?

Resposta: Sim.

5- O que mais gostou?

Resposta: Gostei de tudo.

6- Onde morava? E onde mora?

Resposta: Morei no sítio, hoje em Itabaiana.

7- Conhece o escritor Saracura?

Resposta: Conheci depois que comecei a ler os livros dele, ele chegou a me visitar. Acho uma ótima pessoa e muito inteligente das histórias que ele conta.

Entrevista número 09 com o professor: João de Carvalho Mendonça 26-04-2020

1- Porque você escolheu esse livro pra trabalhar com seus alunos?

Resposta: Sempre trabalhei, todo ano, um evento literário na escola, tendo como ponto de partida algum autor ou livro canônico. No entanto, percebi que a literatura local também apresentava ótimas obras. Foi então que a curiosidade me levou ao livro *Os tabaréus do Sítio Saracura*.

2- Quais escolas você trabalhou e a série?

Resposta: Primeiro, fiz um evento literário, em 2012, no Colégio Estadual Eduardo Silveira. Em 2015 trabalhei o livro no Colégio Dom Bosco, ambos em Itabaiana.

3- Como foi a experiência em cada escola?

Resposta: Em ambas as escolas o autor do livro foi bastante solícito e esteve presente, tanto nos trabalhos que antecederam o evento quanto no próprio evento, o que enriqueceu por demais o trabalho. Isso propiciou uma experiência rica, visto que os alunos puderam ter contato direto com autor da obra.

4- Como você avalia a importância desse livro para os alunos?

Resposta: Além da importância no processo de construção da leitura do aluno, o livro traz uma “realidade” literária e história bem próxima do cotidiano de muitos deles, inclusive alguns pais se viram na obra e se identificaram com a ela.

5- Como você organizou o trabalho com os alunos?

Resposta: Primeiro, busquei fazer com que os alunos lessem a obra. Na sequência, consegui um encontro entre o autor e os alunos, no intuito de que eles conversassem, tirassem dúvidas e esclarecessem curiosidades acerca das histórias contidas no livro e sobre o autor.

6- Sua opinião sobre o livro do ponto de vista literário?

Resposta: É uma obra com uma linguagem brejeira, portanto de fácil acesso tanto para o público leitor acadêmico quanto para o cidadão com menos bagagem acadêmica, com história regionalista e que se aproxima da verossimilhança vivenciada por muitas famílias com origem nos rincões dos interiores do nordeste brasileiro. A obra resgata e valoriza a importância do tabaréu – o homem do interior quase sempre invisível para os bem nascidos e letrados do país –, reconhecendo e tornando esse personagem brasileiro visível.

7- Como foi seu contato com o escritor e a receptividade?

Resposta: Meu primeiro contato foi via telefone. Na sequência, marcamos um encontro num local público da cidade para que eu explanasse o objetivo e o porquê de ter escolhido sua obra para o evento literário anual. A conversa foi bastante amistosa e rica, deixando-me a impressão de um homem bastante receptivo e acolhedor, o que se comprovou e se materializou com o passar dos encontros e dos anos. Um cidadão que tem muito a dar à Literatura sergipana e, por que não dizer, brasileira.

8- Indica trabalhar esse livro atualmente?

Resposta: *Os tabaréus do Sítio Saracura* vai ser sempre indicado, visto ser uma obra atemporal e que traz riquezas históricas, sociais, culturais e econômicas de um povo. A Literatura, enquanto arte e disciplina, precisa muito de obras como essa, porque, muitas vezes, a Literatura traz mais sobre a história de um povo que os próprios livros de História.